

# A PRODUÇÃO POÉTICA DO VALE DO JEQUITINHONHA: UMA POESIA DE CONHECIMENTO DA TERRA

## THE POETIC PRODUCTION OF JEQUITINHONHA VALLEY: POETRY AS EARTHLY KNOWLEDGE

---

Thiago Machado de Matos Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto pretende discutir a lírica telúrica presente em livros de poemas publicados durante as duas últimas décadas do século XX e também as duas primeiras décadas do século XXI, na região do Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais. Tais obras evidenciam uma tendência regionalista da poesia mineira nesse período e se tornam relevantes para os estudos da poesia brasileira contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** lírica telúrica; Vale do Jequitinhonha; poesia mineira; poesia contemporânea.

### ABSTRACT

This text intends to discuss the telluric lyric present in books of poems published during the last two decades of the 20th century and also the first two decades of the 21st century, in Jequitinhonha's Valley, northeast of Minas Gerais. Such works show a regionalist tendency in poetry from Minas Gerais in this period and become relevant for the study of contemporary Brazilian poetry.

**KEYWORDS:** telluric lyric; Jequitinhonha Valley; mineira poetry; contemporary poetry

## 1. INTRODUÇÃO

O pesquisador interessado em desenvolver estudos sobre os movimentos da poesia brasileira contemporânea encontrará várias dificuldades para a realização deste tipo de pesquisa. No caso deste texto, esse desafio se tornou ainda maior, pois há ínfimas produções acadêmicas que abordam a literatura do Vale do Jequitinhonha, em especial, a poesia do Vale, localizado no Nordeste de Minas Gerais. Tais dificuldades derivam do fato de as reflexões sobre o Jequitinhonha serem bastante fragmentadas e privilegiarem, basicamente, a história da região e suas manifestações artísticas e culturais. Há, nessas reflexões, certa tendência à análise valorativa, justificada, provavelmente, pelos discursos que sempre relacionam o Vale à miséria, e uma grande uniformidade temática que envolve, sobretudo, a oralidade, o artesanato e as endemias.

---

<sup>1</sup>Mestre em Letras/Estudos Literários pela Unimontes – Montes Claros; professor de Literatura; Membro da Academia de Letras do Vale do Jequitinhonha.

O crítico Flávio Cavalcante de Andrade (ANDRADE,2010) afirmou, na obra “*A transparência do possível: poesia brasileira e hermetismo*”, que conhecer os poetas brasileiros atuais, na condição de investigador, é tarefa árdua, pois o crítico adentra em um mar desconhecido, conjugando paixão e rigor e, ao mesmo tempo, ocupa-se em "ver" o que está acontecendo no agora. Além disso, ao fazer esse movimento analítico, estabelece quatro tipos de direções da poesia nacional produzida pós-vanguarda: 1) Poesia marginal, surgida como resposta direta ao clima opressivo do regime militar, buscando espontaneidade e o retratismo do cotidiano político; 2) Poesia visual, herdeira e continuadora de determinados procedimentos do Concretismo, bem como de outras vanguardas; 3) Poesia de renovação das formas tradicionais e do cotidiano, indicando obliquamente uma forte presença de poéticas como as de Drummond e Manuel Bandeira, mas também perto do classicismo; 4) Poesia hermética, acrescentando ao cânone brasileiro novas referências, poetas difíceis e de dicção singular, apresentando ainda grande parentesco com valores da alta modernidade.

Em “*Caminhos recentes da poesia brasileira*”, Antonio Carlos Secchin (SECCHIN, 1996) chamou atenção para o fato de que o estudioso interessado em identificar os grandes movimentos da poesia mais recente ter que remontar, obrigatoriamente, aos anos 50, década em que surgiu, em São Paulo e, posteriormente, no Rio de Janeiro, o grupo da poesia concreta, cujo anseio era sintonizar o país com o que mais de avançado se produzia no âmbito da vanguarda internacional: 1) Concretismo; 2) Poesia cepecista/Série Violões de Rua; 3) Poesia Marginal

Na obra “*Roteiro da Poesia Brasileira Anos 80*”, Ricardo Vieira Lima (LIMA, 2010) reúne nomes desse período, entre eles, Sérgio Sant’Anna, Alice Ruiz, Glauco Mattoso, Carlos Ávila, Arnaldo Antunes, Glauber Rocha, Italo Moriconi e Waly Salomão, a fim de destacar a polifonia da poesia brasileira no contexto da década de 1980. Ele fez recorte da poesia desse período, estabelecendo quatro caminhos: 1) lírica de tradição - diálogo com as formas clássicas da poesia brasileira e estrangeira. 2) lírica de transgressão - exercício poético como forma de contestação aos padrões estéticos vigentes, realizando a chamada “poesia de invenção”. 3) lírica vitalista - atualiza o ideário da contracultura, baseado no binômio arte/vida, adaptando-o à realidade. 4) lírica de síntese ou unificadora - sintetiza ou unifica as vertentes anteriores, mesclando tradição, ruptura e vitalidade, na tentativa de construção de uma poesia que, sem desprezar as conquistas do passado, sem perder seu vigo e comunicabilidade, aponte novos caminhos para o futuro.

Para Iumna Maria Simon (SIMON, 2015), no artigo intitulado “*Retradicionalização frívola. O caso da poesia*”, há na poesia contemporânea um viés paradoxal, pois sucede os ciclos vanguardistas, relutantes à tradição, e também os de manifestações antiformalistas, que valorizam a espontaneidade e o cotidiano. Ao se analisar tais cenários para a poesia brasileira contemporânea, a

produção poética do Vale do Jequitinhonha não se encaixa em nenhuma delas. Aproxima-se mais do que Simon destaca como espontaneidade e cotidiano, mas, sem ser antiformalista. Assim, propôs-se um recorte metodológico que levou em consideração três cenários possíveis da poesia mineira das décadas de setenta/oitenta: 1) O grupo modernista e sua influência para poesia mineira: Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Abgar Renault, Emílio Moura. 2) A poética pós-moderna e/ou contemporânea vinculada às estéticas de vanguarda e às universidades: Affonso Ávila, Conceição Evaristo, Adélia Prado, Ricardo Aleixo, Maria Ester Maciel, Ana Maria Gonçalves, Sérgio Vaz, Maria Lúcia Alvim, Ana Martins Marques. 3) A geração do Jequitinhonha: Adão Ventura, Tadeu Martins, Wesley Pioest, José Machado, Jansen Chaves, Gonzaga Medeiros, Celso Freire e Cláudio Bento. Inclui-se também Paulinho Assunção e Ronald Claver, ainda que não sejam naturais do Vale, participaram de um projeto coletivo nesse espaço e contribuíram ao abordarem, por meio da linguagem poética, o universo valejequitinhonhense.

É claro que esse tipo de recorte é incompleto. Por exemplo, não se leva em consideração aqui as obras individuais ou os poetas que participaram de antologias com um grupo acima de cinco poetas. Nesse sentido, acredita-se que há uma outra vertente de poesia brasileira no fim do século XX que foi desenvolvida no Vale do Jequitinhonha. Tal vertente se caracterizou por apresentar uma lírica regionalista ou telúrica que cria a imagem de um espaço onde há realidades conflitantes e opostas. Dessa maneira, este trabalho objetiva discutir como produção poética do Vale do Jequitinhonha se tornou importante para as discussões sobre poesia contemporânea brasileira ao se voltar para os temas locais.

## **2. A POÉTICA DE CONHECIMENTO DA TERRA DOS POETAS DO VALE DO JEQUITINHONHA**

O texto “A Literatura e o conhecimento da terra”, de Afrânio Coutinho, traz interessante reflexão de que em toda a história literária brasileira, no que se refere ao conhecimento do Brasil, há sinais de certo desejo de conhecer e desvendar os mistérios dessa terra, em que os mesmos temas, pontos de vista e preocupações são refletidos nas obras de ensaístas, publicistas, historiadores, sábios, ficcionistas e poetas brasileiros, cada qual em sua pauta própria. Nesse sentido, o autor defende que a literatura brasileira é atravessada, da Carta de Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha até as experimentações modernistas, por um intenso e caloroso sentimento de inquietação telúrica, caracterizado pela interseção entre a literatura de ideias e a literatura de imaginação.

Esses escritos de Coutinho contribuem imensamente para se compreender que, nas duas últimas décadas do século XX, os poetas do Vale do Jequitinhonha elegem como pauta o próprio

Vale, cujo universo telúrico se caracteriza por ser amável e hostil, espaço antitético. Ao fazerem isso, ampliam a ideia de “Conhecimento da terra” para além do modernismo. Outrossim, criam vertente regionalista no fim do século XX, ao qual Ítalo Moriconi (MORICONI, 2002) nomeou de “pós tudo”, referindo-se ao fato de o debate poético nos anos 80 e 90 encaixar-se em período pós-canônico, pós-vanguardista, pós-revolucionário, marginal e pós-marginal, pós-moderno e pós-modernista, em que havia a sensação de que tudo já tinha acontecido e de que “nada de novo havia a fazer ou dizer, depois de um século de experimentações” (MORICONI, 2002, P.125).

Não obstante, para os poetas do Vale era preciso construir a imagem do Jequitinhonha, a fim de constituírem a si mesmos enquanto sujeitos de fala e linguagem poética. Diante disso, no contexto de “pós-tudo”, ainda restava algo novo a se fazer: uma lírica telúrica que abordasse temas regionais. No Jequitinhonha, ela se constitui por poemas que, sob a égide modernista dos versos livres e temática cotidiana, e, além disso, os poemas de cordel, abordam a cultura, os personagens, a paisagem, a história, os causos, as lendas, e, ao mesmo tempo, a fome, a miséria, a dor, o desespero, o abandono e o exílio valejequitinhonhense, criando imagens em um amálgama de realidades opostas, visto que “cada imagem - ou cada poema composto de imagens - contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los.” (PAZ, 1996, p.38). Desse modo, como elemento estético, verifica-se que, na poesia valina, embora antagônicas, tais imagens habitam o mesmo espaço e, às vezes, até entrelaçam-se, tocam-se, reconciliam-se sem serem suprimidas. Assim, duas perspectivas tornam-se necessárias para se compreender a poesia do Vale do Jequitinhonha no início da década de oitenta e, posteriormente, as publicações nas duas primeiras décadas do século XXI. Inicialmente, a divisão territorial fragmentada da região e, em seguida, a relação estabelecida entre o homem e a terra durante o processo de ocupação local. Ademais, é importante aqui ter como base para elucidar a poesia produzida no vale do Jequitinhonha a partir de 1980 a plurissignificação da imagem poética, tendo como base o poeta e ensaísta Octavio Paz, na obra “*Signos em Rotação*” e, além disso, no texto “*A Consagração do Instante*”, presente em “*O Arco e a Lira*”.

Segundo Moreno (2011), o Vale do Jequitinhonha teve extensão de 56.669 km<sup>2</sup>, na época da Província das Minas Gerais. Começou a ser explorado por meio da expedição de Spínosa-Navarro (1553/1554) e, posteriormente, por Sebastião Fernandes Tourinho, em 1573, que entrou em Minas Gerais a partir da Capitania do Espírito Santo. No entanto, embora antiga, a região ainda é geograficamente fragmentada. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2015), ela é formada por uma mesorregião composta por 51 municípios, que são agrupados em 5 microrregiões - Diamantina, Capelinha, Araçuaí, Pedra Azul e Almenara. Já para Ribeiro (2007; 2013a), há duas regiões apenas, a do Alto e do Baixo Vale, integradas por 50 cidades. Outra

perspectiva é a de Balbino (2021), que afirma existir uma divisão utilizada por pesquisadores e agentes públicos que considera a existência de 3 microrregiões, o alto Jequitinhonha, o médio Jequitinhonha e o baixo Jequitinhonha, compostas, de maneira geral, por 53 municípios. Por fim, há outro mapa e o último que será utilizado aqui. De acordo com a Fundação João Pinheiro (2017), há o Alto e o Médio/Baixo Jequitinhonha, formados por 59 cidades. Portanto, nota-se, através desse breve levantamento, que a imagem do Vale do Jequitinhonha constitui-se, historicamente, de maneira descontínua e fragmentada. Não há consenso sequer sobre os limites geográficos desse lugar. Por isso, os poetas locais, sujeitos pós-modernos, acometidos pelo mal-estar provocado por essa identidade segmentada, utilizam-se de uma lírica telúrica que busca, inicialmente, falar dos assuntos valinos para lhe dar uma forma e criar/recriar, simbolicamente, por meio das imagens poéticas da região, uma referência única ou, pelo menos, mais uniforme.

Entretanto, é evidente que tal percurso tornou-se arriscado, sobretudo, porque “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p.13). Nesse sentido, é importante dizer que como o universo valejequitinhonhense esteve, historicamente, transformado de maneira contínua e diferente, inclusive, tornando-se fracionado pelos discursos oficiais, não há apenas uma única possibilidade de leitura para tal contexto. Cabe destacar que, conforme Balbino (2021), a formação social do Vale do Jequitinhonha e a construção de diferentes territórios em seu espaço caracterizam-se por serem marcados por diferenças nos processos de ocupação, nas características geográficas e nas relações sociais construídas. Se as Minas são várias, os Vales também o são. Tal fato explica, portanto, a necessidade de se promover lírica telúrica para conhecer e desvendar os segredos desse lugar múltiplo.

A partir disso, outro ponto a ser destacado para entendimento do percurso poético do Jequitinhonha é a relação visceral, intrínseca, do homem com sua terra natal. De acordo com Balbino (2021), o processo de ocupação do Jequitinhonha pode ser explicado através da interação entre migrantes e nativos, terras novas e férteis, extração, lavoura e pecuária. Dessa maneira, a relação entre o homem e a terra se tornou o objeto central da formação territorial e da constituição dos meios de vida das famílias, apresentando sólidas características na primeira metade do século XX. E, ao se apropriar dessa relação, os poetas se utilizam da palavra poética para criar imagens díspares do Vale, divididas entre o amável e o hostil.

De acordo com a Fundação João Pinheiro (2017), os anos 1980 foram caracterizados pela busca de novas formas para desenvolver o Vale do Jequitinhonha, marcados pelo reordenamento político no país, com o fortalecimento da sociedade civil e a redemocratização. Assim, no governo de Francelino Pereira dos Santos, o poder público incentivou a publicação das obras “*Nas Águas do*

*Jequitinhonha*”, de Ronald Claver; *“Cantigas de Amor & Outras Geografias”*, de Paulinho Assunção; e *“Jequitinhonha: poemas do Vale”*, de Adão Ventura. As duas primeiras obras foram publicadas pela Fundação Mariana Resende Costa e a última pela Imprensa Oficial de Minas Gerais e, embora tenham apenas um autor natural do Vale do Jequitinhonha, o Adão Ventura, natural de Serro, já que Ronald Claver é belo-horizontino e Paulinho Assunção de São Gotardo, Minas Gerais, foram os primeiros livros produzidos de maneira coletiva a abordar a temática do Jequitinhonha no início da década de 1980. E esse é aceno significativo no contexto da poesia brasileira da época. Havia um impasse criativo no cenário poético brasileiro pós-80. O que escrever após Drummond, João Cabral e a geração concretista? Moriconi (2012) traz reflexões interessantes sobre o emparedamento ou impasse criativo vivenciado por poetas como Ana Cristina César e Affonso Romano de Sant’Anna diante das experimentações exaustivas das gerações anteriores. A sensação era a de que tudo já teria sido poetizado. Nesse embate, é que surge a geração de poetas do Jequitinhonha. Era preciso falar sobre o Vale.

Essa ação inicial é bastante tímida. No entanto, significativa para se elucidar as etapas de construção de uma estética que nomeio de “conhecimento da terra” presente na poesia do Vale do Jequitinhonha. Tal estética baseia-se no texto de Coutinho (1968) que já mencionei aqui. A ideia é muito simples. Foi preciso conhecer e desvendar os mistérios brasileiros. Era preciso também conhecer e desvendar o Jequitinhonha. O primeiro trecho de poema que uso como exemplo disso é o “*Cantiga Sexta*”, de Paulinho Assunção:

Nas águas de Araçuaí  
as galerias de dor e fome  
Seguem a batida dos cascos  
e cada animal é um aviso  
de que a vida rói  
o homem  
(ASSUNÇÃO, 1980, p. 38)

O livro *“Cantigas de Amor & Outras Geografias”* é composto por onze poemas, divididos em duas partes. Na primeira parte, há seis cantigas. Todas elas são antecedidas por páginas com epígrafes. Na segunda parte, há cinco poemas que também são antecedidos por epígrafes. O tema comum é o amor sensual e erótico vinculado ao espaço da cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha. Há várias alusões à figura mítica e mística da mulata Luciana Teixeira, tida como fundadora dessa cidade. O trecho acima pertence a um poema de 9 estrofes e quarenta e nove versos. Até a quarta estrofe há quatro quartetos com a presença de rimas nos versos pares. O tema é a vida hostil no Vale. Logo, as águas araçuaienses são paisagens míticas e personificadas que abrigam a dor e a fome. Além disso, assistem à vida, também personificada, devorar o homem do

Vale. Inclusive, o termo “Nas águas de Araçuaí” se repete, anaforicamente, nas nove estrofes que compõem o poema, pois são essas águas que veem as vidas secas diluírem-se no espaço local.

Outro poema que aborda o ambiente hostil do Jequitinhonha é “O rio”, de Ronald Claver. O trecho a seguir pertence ao livro “*Nas Águas do Jequitinhonha*”, que tem cinco partes ( I- Da Paisagem, II- Das Cidades, III- Das Águas, IV- Das Histórias E V- Dos Fatos). Cada uma delas aborda um assunto relacionado ao olhar do poeta sobre os lugares por onde passa. Ser das palavras, transforma o que viu em linguagem e imagem poética:

Adentrando o País da Pedra  
O Jequitinhonha risca  
A paisagem  
Contornando mineral a fome  
Das Gerais.  
(CLAVÉR, 1980, p.19)

Este trecho pertence a um poema que tem dez estrofes e quarenta e um versos. Não há rimas e o tema é o cotidiano sofrido dos moradores da região do Vale. No ambiente inóspito, empedrado e, metaforicamente, duro, a vida é difícil. O rio aqui simboliza a essa vida que corre vagarosa e busca superar as pedras, isto é, os obstáculos do caminho. Novamente, as águas são espectadoras do que acontece nessa região. No entanto, o mesmo espaço que é hostil pode ser amável, acolhedor. É possível observar isso em “Dos Fatos”, também de Ronald Claver:

No relâmpago dos olhos  
O Jequitinhonha  
É promessa no coração  
Café, aperto de mão  
Chapéu, olhar de soslaio  
Reza, bandeira, bastão  
Feira, bengala, balaio  
(CLAVÉR, 1980, P.52)

O relâmpago, metáfora do tempo efêmero, reino de onde os escritores se alimentam, é rápido. E se junta aos olhos, dando a ideia de um olhar detalhado e veloz. Por isso, o poeta deve ser atento para não perder a função referencial da linguagem no exato momento em que acontece. Agora, o lugar se vincula ao positivo. E a escolha léxica dos substantivos (coração, café, reza, bandeira, bastão, bengala, balaio) e também de substantivos e seus respectivos adjuntos adnominais (aperto de mão, olhar de soslaio) fazem com que haja uma fissura da descrição poética em dois campos semânticos. O primeiro se relaciona ao povo do Vale (café, aperto de mão, chapéu, olhar de soslaio, bengala, balaio), indicando, metonimicamente, as partes (receptividade, cordialidade, amizade, timidez, fidelidade e memória afetiva, respectivamente) que integram as características do morador valino. Já o segundo se relaciona (reza, bandeira, bastão) às tradições culturais e

festividades regionais. Desse modo, nota-se inclinação em mostrar, além do espaço hostil, ainda o elemento simbólico oposto, o amável.

Na obra *“Jequitinhonha: poemas do Vale”*, de Adão Ventura, há um percurso lírico ao espaço do Jequitinhonha, cheio de cores, cheiros, gostos, sons, artesanato, cultura popular, fé, garimpo, cidades e tradições. Essa obra é dividida em três partes: I. Rituais, II. Do Alto Vale e III. Tessituras e conta 15 poemas. É no livro do Adão em que se percebe a relação mais profunda do poeta com sua terra natal. Ele participou da geração “Suplemento Literário”, junto com Murilo Rubião Luiz Vilela, Ivan Ângelo, Libério Neves, Sérgio Sant’Ana e Jaime Prado Gouvêa, e após ter publicado antes *“Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul”*, em 1970, pela Editor Oficina, e *“As musculaturas do arco do triunfo”*, em 1976, pela Editora Comunicação, opta por poetizar a região onde nasceu. No poema “Iam”, o sujeito lírico manifesta sua intenção de permanecer no solo valejequitinhonhense:

acho que a gente poderia ficar por aqui mesmo,  
sentar no pé desses montes,  
falar com as lavadeiras,  
aprender ciência de remédios caseiros,  
beber muita cachaça,  
escutar modas de viola  
- namorar, dançar forró  
- espiar a lua crescer na encosta da serra.  
(VENTURA, 1980, p.43)

Nesse texto, há uma sequência de cenas cotidianas e triviais que despertam a vontade no sujeito lírico de permanecer no Jequitinhonha. Nesse raciocínio, pode-se afirmar que se repete aqui a imagem do amável relacionada ao Vale. Desse modo, os primeiros livros de poemas publicados no final do século XX sobre o Vale do Jequitinhonha, embora estejam em obras diferentes e sejam patrocinados pelo governo do Estado de Minas Gerais, e, além disso, tenham a participação de dois poetas que não tinham nascido na localidade aqui estudada, contribuem para criação de uma lírica telúrica que emerge como tendência para os poetas valinos e para aqueles que escrevem sobre tal lugar. Octávio Paz diz que “os poetas se obstinam em afirmar que a imagem revela o que é e não o que poderia ser. E ainda mais: dizem que a imagem recria o ser” (PAZ, 1996, p.39). Sendo assim, as imagens revelam o que o Vale é, de maneira simbólica e contraditória, ora hostil, ora amável. Trazem a relação intrínseca do homem, poeta, com o elemento telúrico, mesmo que esse poeta não seja natural dessa região. Ademais, no plano simbólico, não há vários Vales, fragmentados, deslocando as referências do sujeito pós-moderno, mas um só Vale no campo imaginário e imagético.

Nos anos de 1982 e 1985, são publicados, respectivamente, pelos poetas Gonzaga Medeiros, Jansen Chaves, José Machado, Tadeu Martins e Wesley Pioest, os livros *“Jequitinhonha*



*Antologia Poética*” e *“Jequitinhonha Antologia Poética II”*, que são a mais importantes publicações para a poesia valina e para os estudos da tendência dessa poesia por retratar seus aspectos locais, tornando-se, assim, indubitavelmente, essenciais para os estudos da poesia mineira e brasileira. Elas foram lançadas, inicialmente, em Belo Horizonte. A primeira antologia, na sede do Mobral, e a segunda, na Casa do Jornalista. Ambas contaram com a presença de filhos do Vale, artistas, intelectuais e jornalistas de Belo Horizonte. Houve divulgação nos jornais Estado de Minas, Diário da Tarde, Geraes, Nordeste de Minas, e no BIP do Banco do Brasil e no Boletim da Minascaixa. As obras foram lançadas ainda nas cidades mineiras de Teófilo Otoni, Almenara, Rubim, Jequitinhonha e Diamantina.

Ao contrário do que se viu em *“Nas Águas do Jequitinhonha”*, de Ronald Claver; *“Jequitinhonha: Poemas do Vale”* de Adão Ventura; e *“Cantigas de Amor & Outras Geografias”*, de Paulinho Assunção; não há patrocínio oficial, mas edição independente, e tampouco a presença de autores que não tenham nascido no Vale. Outrossim, ambas antologias constituíram-se em época de intensa efervescência cultural no Vale do Jequitinhonha. Segundo Vera Lúcia Felício Pereira (2006):

Percebia-se, em ebulição, um universo de artistas que despertavam atenção no processo de trabalho nas oficinas e seminários dos festivais para um patrimônio cujas vozes traziam informações novas às observações e estudos 20 feitos, tornando-se parte de discussão acalorada dos professores. As cidades mineiras já recebiam notícia e já adquiriam as máscaras afro-indígenas da Lira Marques, as esculturas de Zefa, os Cristos de seu Didi, a música de Paulinho Pedra Azul e de Tadeu Franco; os casos de Tadeu Martins e de Gonzaga Medeiros, os versos de roda dos Trovadores do Vale; enfim, um universo de arte.

Nesse contexto, houve a criação do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, o FESTIVALE, que derivou do I Encontro de Compositores do Vale, ocorrido no ano de 1979, na cidade mineira de Itaobim e, além disso, a criação do jornal Geraes, que, de acordo com Santiago (1999), fora o elemento catalisador do movimento cultural no Vale. Segundo ele, o cultural já existia, faltava o movimento. E esse movimento só se tornou possível por conta do periódico, que teve vinte e três edições e circulou, inconstantemente, entre os anos de 1978 e 1985. Foi fundado pelo poeta Tadeu Martins e seus amigos Aurélio Silby, de Santana do Araçuaí; George Abner e Lodônio Figueiredo, de Pedra Azul; e Carlos Figueiredo, natural de Pernambuco, mas residente em Itaobim desde criança. Funcionou como elo aglutinador entre a cultura, a política, a literatura e a arte que foram produzidas no Vale do Jequitinhonha.

Todos os poetas que participaram antologias poéticas foram ativos no movimento cultural da região e, nesse fim de século XX, lançaram as primeiras obras, genuinamente, valejequitinhonhenses. Logo, consolidam a lírica telúrica da poesia valina e, simbolicamente, a ideia de um Jequitinhonha único e contraditório, ora amável, ora hostil. Nos dois trechos de poema

abaixo, que estão nos livros “Jequitinhonha Antologia Poética” e “Jequitinhonha Antologia Poética II”, há a imagem de um espaço inóspito. O primeiro é do poema “*Vale do Jequitinhonha: um estudo poético*”, de Wesley Pioest. O outro é intitulado “Brinquedo”, de José Machado de Mattos:

Eram 52 cidades perdidas no sertão mineiro,  
 esse imenso latifúndio.  
 Na extremidade nordeste do Estado de Minas Gerais  
 (onde a miséria e o convívio com os mortos é uma paisagem  
 mais árida que a terra e o  
 estigma ancestral dos  
 retirantes)  
 (PIOEST, 1982, p.83)

Nesta tarde, as crianças não morrerão  
 de fome  
 porque este sol,  
 este sol maravilhoso,  
 aquece suas barrigas.  
 Nesta tarde, as crianças brincam de bola.  
 Mas, naquela manhã,  
 quem as amamentará?  
 (MATTOS, 1985, p.52)

Nas antologias, Pioest trabalha com o contraponto entre poeta e cidade, mas, tal cidade, é imaginária e presa ao tempo/espaço, repleta de melancolia e memórias afetivas. No entanto, interrompeu-se, temporariamente, a sequência entre o duplo homem/cidade para, com muita lucidez, explorar o duplo homem/terra natal. Vê-se, portanto, um local abandonado no sertão, um latifúndio que abriga a miséria, a morte e a seca. Nesse poema, pertencente à primeira antologia, o maior das obras aqui analisadas, há dezesseis estrofes primorosas de uma composição cujas palavras se deslocam pelo branco da página tal qual os homens em busca de seus destinos. E esse homem, esquelético, sem forças, é vencido pela paisagem inóspita. Nota-se ainda que, de maneira interessante, o plano simbólico diverge do real. No plano imagético, o Vale tem 52 municípios, diferente do que foi mencionado aqui neste trabalho em Balbino (2021) com 53, Fundação João Pinheiro (2017) com 59, Ribeiro (2007;2013a) com 50 e IBGE (2015) com 51. Essa divergência traz a dimensão do problema identitário vivenciado pelos moradores do Vale e o quanto que os poetas, por causa dessas contradições, movem-se em várias direções.

Já no poema de José Machado, natural de Jequitinhonha, percebe-se a relação do duplo criança/terra, o que configura, semanticamente, que há um ciclo interrompível de gerações condenadas a um único destino: a fome. Tal poema é curto, seguindo a tradição modernista dos poemas-pílula. São apenas oito versos. É necessário observar que há do primeiro para o segundo verso do poema uma quebra sintática e, concomitantemente, métrica que fazem com que o sentido se amplie. No primeiro verso, o ciclo de morte parece se encerrar no verbo intransitivo (morrerão). No segundo verso, o adjunto adverbial “de fome”, isolado, promoveu quebra sintática e métrica e

ampliou a expectativa de que, no Vale, a morte voltará a ser causada por circunstâncias naturais e não pela fome. No terceiro verso, o uso do sol, que adquire, metaforicamente, o sentido de esperança colabora para que a ideia de uma mudança de condição dessas crianças se concretize. No entanto, ao usar o paralelismo do sexto com o primeiro verso, há o cruzamento dos verbos intransitivos “morrerão” e “brincam”, referindo-se ao mesmo sujeito “crianças”, para retomar o ciclo da morte pela fome, já que brincar seria condição circunstancial (“Nesta tarde”). E isso fica claro no final do poema com o uso de uma interrogativa retórica que remete a um futuro sem esperança (quem as amamentará?). Não obstante, as antologias poéticas também trabalham com a imagem do Vale de maneira positiva:

Do Jequitinhonha,  
 Vale de homens fortes, destemidos,  
 nasceu um destemido homem forte.  
 Ainda cedo se desgarrou do tronco  
 e dando murros em pontas de espinho,  
 arriscou trilhar sozinho os caminhos da vida  
 na árdua busca do encontro com a sorte.  
 Suas “ilíadas” e “odisseias”  
 são uma aventura para se cantar,  
 são feitos heroicos para epopeias,  
 uma lição de luta pra quem quer ganhar.  
 (MEDEIROS, 1982,p.13)

Nós somos o vale.  
 Valemos mais pelo que somos,  
 menos pelo que temos  
 e valendo assim e assim sendo,  
 sempre valeremos.  
 (MEDEIROS, 1985, P.17)

Esses poemas são de Gonzaga Medeiros. O primeiro intitula-se “Luiz, outro Grande Homero” e o segundo, “Todos Nós em Sol Maior”. Naquele há alusão a Homero, supostamente, autor de a *Ilíada* e de a *Odisseia*, dois dos principais poemas épicos da Grécia antiga. Ao utilizar-se da intertextualidade, há a tentativa de atribuir ao homem que habita o espaço valejequitinhonhense o heroísmo. Diante disso, a fome cede lugar à força. E, nesse caso, o homem vence a paisagem, pois é forte, destemido, dá “murros em pontas de espinho”. Já no segundo poema, tem-se um jogo de palavras entre os verbos ser e ter. Este trecho é a primeira estrofe de um poema de quatro estrofes que, misturando ritmo e sonoridade, integra, metonimicamente, o eu lírico ao Vale. Mais um exemplo claro da relação profunda que os poetas da região estabelecem com o elemento telúrico. Nessa integração, o Vale, substantivo, transforma-se em verbo não só para sugerir a ideia de caráter, honra, mas também para indicar uma ação a ser praticada para se tornar constante, eterna.

É preciso dizer que Octavio Paz (1982), ao refletir sobre o poder das palavras do poeta, disse que elas devem ser suas e alheias. Ademais, que tais palavras podem ser históricas, pois

pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo, logo, sendo datável, e, ainda, por outro lado, serem anteriores a toda data, espécie de começo absoluto. Nesse sentido, pode-se dizer que, no fim do século XX, início dos anos de 1980, a poesia do Vale do Jequitinhonha é caracterizada por uma lírica de contradição, pois os poemas são “datáveis” e “começo absoluto”. São, por um lado, circunstanciais e, por outro, eternos. Essa contradição também pode ser observada no duplo homem/terra, divididos entre a hostilidade e a amabilidade. Acerca disso, os poetas do Vale do Jequitinhonha iniciam uma tendência na poesia brasileira contemporânea ao se voltarem a assuntos relacionados a sua terra natal e, principalmente, criarem uma lírica telúrica que se caracteriza pela tensão/oposição.

Após o lançamento dessas obras, há um hiato de publicações coletivas no Jequitinhonha. Elas voltam a ocorrer somente com “*Antologia Poética do Vale do Jequitinhonha*”, de 2011. Organizada pelo Instituto Sociocultural do Jequitinhonha, o Valemais, tem a participação de 37 poetas, cada um com dois poemas. Nessa obra, pôde-se inferir que a lírica telúrica, marcada pela tensão/oposição, permanece mesmo depois de 26 anos de lançamento do último livro coletivo:

Irei esconder em suas terras  
E prá sempre dormir...  
Terra Morena, frutos de mel,  
Bananeiras, cafezais  
Quero provar de ti  
Oh!Terra doce,  
E banhar nestas águas manhosas  
Oh! Doce Jequi.  
(RODRIGUES, 2011, p.10)

Estéril terra não dá fruto,  
Morre de fome o fruto do ventre da mulher,  
Seus filhos condenados ao jejum absoluto,  
Alimentam a alma de fé.

Em labuta sem bonança,  
Vidas passam esquecidas na aridez,  
Em um triste e profundo olhar, um sonho se planta  
Lágrimas derramando do céu, fundindo o sofrimento de vez.  
(MENDES, 2011, p.21)

O primeiro poema, intitulado de “Ausência”, é de Antônio da Conceição Rodrigues. Mais próximo da oralidade, o amor do sujeito poético por sua terra natal adquire tons ufanistas e exagerados, o que faz com que haja perda de qualidade estética. Constata-se um desejo, representado pela utilização do eufemismo, de o poeta se integrar a esta terra personificada, “Morena”. E, como elemento positivo, há o adjetivo doce, que aparece duas vezes no trecho destacado, uma vez personificado, e a outra, não. Já no segundo texto poético, “Vida Sertaneja”, de Eldvim Mendes, a relação homem/terra volta a ganhar contornos negativos. O elemento terra não é mais doce, mas estéril. A fome, novamente, expressa, eufeministicamente, pelo termo “jejum

Revista Synthesis, v.11, n. 1, p. 1-17, 2022 | 12

absoluto”, continua a assombrar essa relação do duplo homem/terra. Logo, a tensão telúrica também pôde ser vista nesta obra.

Em 2018, a obra “*Antologia dos Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha*” é lançada na trigésima quinta edição do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, que aconteceu em 2018, na cidade de Felisburgo. Participaram dessa edição quarenta poetas, cada um com apenas um poema. Essa obra foi pensada a partir do *I Encontro de Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha*, que aconteceu em maio de 2018, na cidade de Itinga, Minas Gerais. Tal encontro foi organizado por Herena Barcelos e Cláudio Bento e, com isso, discutiu-se a formatação de uma associação para os escritores locais. Nesse livro, mantém-se a estética utilizada na década de 1980 de uma lírica telúrica que, de maneira dicotômica, estabeleceu um contraponto entre o homem/terra:

Vale Encantado!  
Oh! Vale Encantado!  
Entre serras e montes!  
Dos sonhos sonhados  
A cada instante.

Aqui não existe tristeza  
Nem murmúrio e nem dor  
Vivemos na certeza  
Do que Vale é o amor.  
(MALTZ, 2018, p.23)

Um pé descalço outro calçado  
Mãos grossas, cabelo de sol queimado.  
Homem sertanejo peleja sobrevivência nas terras de Jequitinhonha e Mucuri.  
Querem com a fome sumir, e na avenida catam lata e papelão,  
Para dar a cada filho um pedaço de pão.  
Dorme com peso de dignidade nas costelas,  
Que brotou feito semente no chão.  
(DUTRA, 2018, p.32)

O primeiro trecho é do poema “Vale Encantado”, de Diego Maltz. De maneira idílica, a exuberância da fauna do Vale é ressaltada de modo que se torna pleonástica. Dessa forma, verifica-se em poemas das antologias de 2011 e 2018 uma tendência de exagero na descrição local, o que ocasiona uma perda do elemento estético e simbólico do poema. Por conseguinte, há uma hipérbole forçada que enfraquece a metáfora do Vale como amor, sentimento inexplicável do sujeito poético em relação a sua terra natal. Já o segundo trecho é de “Artesão”, de Junio Dutra. O tema da fome se repete nos poemas valejequitinhonhenses. Assim, será o elemento que enfraquecerá a relação do duplo homem/terra. Nessa relação, o artesão, figura tradicional do Jequitinhonha, também sofrerá com desigualdade econômica e social latentes. Por isso, vê-se, claramente, que a fome não poupará absolutamente ninguém, nem aquele que estabelece uma relação mais profunda com a terra.

Por fim, em 2021, a Loope editora publica “*Jequitinhonha Antologia Poética III*”, com a participação de Gonzaga Medeiros, Tadeu Martins e Wesley Pioest, além de Cláudio Bento e Celso

Freire, que ocupam o lugar de José Machado de Mattos e Jansen Chaves, ambos falecidos. Essa publicação é caracterizada por um tom confessional e memorialístico. A pergunta é: o que restou aos poetas, principalmente, àqueles que participaram da construção simbólica de um Vale que pudesse se opor à alcunha de “Vale da Miséria”? Em primeiro momento, cabe dizer que a lírica telúrica continua ecoando, apesar de ter intensidade menor:

Na feira do Jequi tem viola de mutirão,  
tem mulher com bem-querer de inspirar onha-canção,  
tem dança de consciência no arrastão da cantoria,  
barro, fogão, harmonia, artimanha do artesão.

Na feira do Jequí tem tudo o que ocê quiser,  
tem home e tem muié  
e tem até uns e ôtas deixano claro o que é  
(MEDEIROS, 2021, p.37)

os homens labutam a lida diária,  
na força dos braços.  
As foices riscam aceiros e definem canteiros  
na meia caatinga.  
Um machado lasca a lenha  
e deixa no ar seu rastro graus noventa.  
Enxadas avançam tinindo na tenra capina.  
Soam em rimas de sinos chamando a novena  
(FREIRE, 2021, p.139)

No poema “Na Feira do Jequi Tem”, o poeta Gonzaga Medeiros, sob o viés da alegoria e da metonímia, colore os versos com metáforas e substituições de um termo por outro. Na língua informal, linguagem do povo, as imagens do Vale vão se somando e a feira, lugar da mistura, é uma escolha léxica feliz para representar a multiplicidade valina. Em contrapartida, há ainda resquícios de uma vida árdua que contrapõem as imagens valejequitinhonhenses presentes na poesia regional. Como exemplo, o poema IX, de Joaquim Celso Freire. Também se utilizando da metonímia, as foices, os machados e as enxadas são substantivos comuns na realidade e fazem parte do todo significativo que opõe homem/terra, pois são, justamente, os instrumentos para castigá-la ou movê-la. No entanto, cabe frisar que a fome desaparece nos poemas dessa última obra coletiva publicada por poetas do Jequitinhonha, embora o ambiente valino continue em tensão contínua e árdua.

Portanto, para se compreender o movimento poético feito por poetas do Vale é preciso, inicialmente, compreender o processo de formação histórico fragmentado dessa região e sua identidade contraditória. Ademais, a relação do homem com a terra, o que irá refletir em uma tensão/oposição entre esse duplo. E, finalmente, as imagens usadas para construir, simbolicamente, o universo valejequitinhonhense. Elas estarão sempre em uma lógica dialética. Em algumas obras, evidentemente, o hostil dilui o amável. Em outras, o amável dilui o hostil. Mas, na maioria das vezes, esses elementos aparecem frente a frente, irreduzíveis.

### 3. SERÁ QUE JÁ SE PODE FALAR EM UMA TRADIÇÃO DA POESIA DO VALE DO JEQUITINHONHA?

Ao discorrer sobre a história como lugar da encarnação da palavra poética, Octávio Paz (1982) afirma que o poema é a mediação entre a experiência original e um conjunto de atos posteriores, que terão sentido apenas se houver referência à primeira experiência que o poema consagra. É inegável, portanto, que as obras poéticas produzidas no Vale do Jequitinhonha na década de 1980, principalmente, as antologias poéticas de 1982 e 1985 encarnam a palavra poética e, ao produzirem uma lírica telúrica em constante tensão, surgem como experiência original para as experiências posteriores, como, por exemplo, as antologias poéticas produzidas em 2011, 2018 e 2021. No poema, “o tempo cronológico – a palavra comum, a circunstância social ou individual – sofre uma transformação decisiva: cessa de fluir, deixa de ser sucessão, instante que vem depois e antes de outros idênticos e se converte em começo de outra coisa”. (PAZ, 1982, 227)

Não se pode afirmar se esse começo de outra coisa é uma tradição poética já instituída no Vale do Jequitinhonha a partir das obras publicadas no início da década de 1980. No entanto, se o poema é linha divisória entre o instante privilegiado e a corrente temporal, nesse aqui e nesse agora o que se principiou, ou para usar um termo do Paz (1982), o que foi “consagrado pela poesia” é exatamente o instante lírico de uma poética que cria uma imagem simbólica de um Vale contraditório. Destarte, é urgente lembrar, conforme Paz, que o “poema não abstrai a experiência; esse tempo está vivo, é um instante pleno de toda a sua particularidade irreduzível”, podendo se repetir em outro instante. Sendo assim, não há como desenvolver estudos sobre a poesia brasileira e, sobretudo, a poesia mineira sem colocar a poesia do Vale do Jequitinhonha na prateleira de cima da Biblioteca de Babel, sem iluminar com sua luz “novos instantes, novas experiências (PAZ, 1982, p.227).

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. C. **A transparência do impossível: poesia brasileira e hermetismo**. Recife: Bagaço, 2010.

ASSUNÇÃO, P. **Cantigas de Amor & Outras Geografias**. Belo Horizonte: Fundação Mariana Resende Costa, 1980.

BALBINO, T.F. **Um olhar para o desenvolvimento rural do Vale do Jequitinhonha a partir dos meios de vida de famílias rurais**. São João Del Rey, 2021.

BARCELOS, H; BENTO, C.(Orgs.). **Antologia dos poetas e escritores do Vale do Jequitinhonha**. Felizburgo: Editora Arte Eterna, 2018.

- COUTINHO, A. **A literatura e o conhecimento da terra. In: A literatura no Brasil.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A, 1968.
- CLAVER, R. **Nas Águas do Jequitinhonha.** Belo Horizonte: Fundação Mariana Resende Costa, 1980.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha.** Fundação João Pinheiro: Belo Horizonte, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário de 2006.** Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Censo Demográfico de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário de 2017.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- INSTITUTO VALEMAIS. BENTO, C; SILVA, J. (Orgs). **Antologia Poética do Vale do Jequitinhonha.** Belo Horizonte: O Lutador, 2011.
- LIMA, R.V. **Roteiro da poesia brasileira: anos 80.** São Paulo: Global, 2010.
- MEDEIROS, G. et al. **Jequitinhonha Antologia Poética.** Belo Horizonte: Grafilivros, 1982.
- MEDEIROS, G. et al. **Jequitinhonha Antologia Poética II.** Belo Horizonte: Gráfica Arte Livre, 1985.
- MEDEIROS, G et al. **Jequitinhonha Antologia Poética III.** Rio de Janeiro: Loope Editora, 2021.
- MORENO, C. **A Colonização e o Povoamento do Baixo Jequitinhonha no Século XIX.** 2.Ed. Belo Horizonte: Canoa das Letras, 2011.
- MORICONI. Í. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PAZ, O. **o Arco e a Lira.** Trad. Olga Savary.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAZ, O. **Signos em rotação.** 3. ed.. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RIBEIRO, E.M; GALIZONI, F.M; SILVESTRE, L.H; CALIXTO, J.S; ASSIS, T. de P.; AYRES, E.B. **Agricultura familiar e programas de desenvolvimento rural no Alto Jequitinhonha.** Revista de Economia e Sociologia Rural, Rio de Janeiro, vol. 45, nº 04, p. 1075-1102, out/dez 2007.
- RIBEIRO, E.M; GALIZONI, F.M. **Jequitinhonha: Terra, lavoura e migração no Alto Jequitinhonha. In RIBEIRO, E.M (org). Sete estudos sobre a agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013a. P. 25-44.
- SANTIAGO, L. **O Vale dos Boqueirões: História do Vale do Jequitinhonha.** Almenara: Boca das Caatingas, 1999.



SANTIAGO, L. **Serro: política, geografia e cultura**. Belo Horizonte: Morada Santiago, 2006.

SECCHIN, A.C. **Caminhos recentes da poesia brasileira**. In: Poesia e desordem: escritos sobre poesia e alguma prosa. Rio de Janeiro: Top Books, 1996. p. 93-110.

SIMON, I. M. **“Retradicionalização frívola. O caso da poesia”**. Revista Cerrados, Brasília, 2015, n. 39, v. 24, p. 212-224.

VENTURA, Adão. **Jequitinhonha: poemas do Vale**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1980.